

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE NA PEDAGOGIA ENGAJADA DE
BELL HOOKS

ISABELA PERFEITO SAMPAIO

RIO DE JANEIRO

2023

ISABELA PERFEITO SAMPAIO

A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE NA PEDAGOGIA ENGAJADA DE BELL HOOKS

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

RIO DE JANEIRO

2023

ISABELA PERFEITO SAMPAIO

A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE NA PEDAGOGIA ENGAJADA
DE BELL HOOKS

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

RESUMO

A seguinte monografia se propõe a analisar a influência que Paulo Freire teve na construção da Pedagogia Engajada de bell hooks, que é apresentada por ela no livro, *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. O trabalho foi desenvolvido buscando relatar como as experiências de vida, principalmente na infância, dos dois educadores inspiraram a criação de uma teoria de educação libertadora. Defensores de uma pedagogia transformadora, Freire e hooks acreditavam que uma educação que estimulasse o pensamento crítico poderia contribuir na luta contra as classes opressoras. A análise foi feita a partir da pesquisa bibliográfica das obras de Freire e de hooks, fazendo comparativos dos trechos dos livros *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do oprimido*, *Educação como prática da liberdade* e *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*.

Palavras chaves: Pedagogia Engajada; Crítica; Liberdade; Pedagogia do Oprimido; Opressores; Classes.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1- A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO	7
2- ANOS INICIAIS E FORMAÇÃO DE PAULO FREIRE	8
3- MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO FREIRIANO E EXÍLIO DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL	10
4- PEDAGOGIA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE	15
5- BELL HOOKS – ANOS INICIAIS E FORMAÇÃO	19
6- A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE NA PEDAGOGIA ENGAJADA DE BELL HOOKS.....	25
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO:

Esta monografia tem como intuito analisar a influência da metodologia freiriana na construção da pedagogia engajada e libertadora defendida pela norte-americana bell hooks, abordando como as experiências de vida, principalmente na infância e juventude, desenvolveram as filosofias de ambos autores. A motivação para a produção deste tema foi a oportunidade de poder discorrer sobre as dinâmicas de classe na sociedade e como a educação sempre tem um viés político. O trabalho foi escrito através da pesquisa bibliográfica das obras de hooks e Freire, utilizando principalmente os livros: *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, de bell hooks, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade*, os três últimos de Paulo Freire. Também foram utilizados depoimentos de outros educadores e pessoas próximas de hooks e Freire, como, por exemplo, Ednéia Gonçalves, escritora do prefácio do livro de bell hooks, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, e Marcos Guerra, que ajudou a coordenar o Projeto de alfabetização em Angicos junto com Paulo Freire. Os quatro capítulos iniciais foram divididos primeiramente destrinchando a história e importância de Paulo Freire na educação. O quinto capítulo é dedicado à história de bell hooks e, principalmente, aos seus anos iniciais e de formação. O sexto capítulo foi utilizado para relacionar a influência da escrita de Paulo Freire na vida de hooks como educadora.

bell hooks defendia uma educação que fosse transformadora e em que os alunos se sentissem incluídos. Esta reflexão veio, principalmente, da sua própria experiência como aluna. Levando em consideração a sua infância vivendo em uma área segregada racialmente no Sul dos Estados Unidos. Durante os seus anos universitários, ela começa um processo transformador de luta contra a mentalidade colonizadora com a ajuda das palavras de diferentes autores, um deles, o brasileiro Paulo Freire.

Quando encontrei a obra de Freire, bem num momento da minha vida em que estava começando a questionar profundamente a política da dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização que ocorre dentro dos próprios Estados Unidos, me senti fortemente identificada com os camponeses marginalizados de que ele fala e com meus irmãos e irmãs negros, meus camaradas da Guiné-Bissau. (...) Tinha vivido a luta pela dessegregação racial e estava na resistência sem ter uma linguagem política para formular esse processo. Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência. (HOOKS, 2021, p. 66)

Durante a sua infância, o educador pernambucano veio de uma família que enfrentou problemas econômicos e conseguiu estudar por ter ganhado bolsas de estudo para o seu colégio. Mesmo sendo advogado por formação, Freire se dedicou à educação, principalmente ao ensino que instigasse a autonomia dos estudantes, que eles tivessem vozes e pensassem por si mesmos. Assim como a luta de Freire foi influenciada pelas dificuldades financeiras estabelecidas em sua infância, hooks também demonstra interesse pelas causas sociais por causa dos seus anos iniciais vivendo em uma cidade racialmente segregada, se comparando com os camponeses ensinados por Paulo Freire. Defensor de uma pedagogia crítica e libertadora, Freire era defensor de novas práticas dentro de sala de aula onde as realidades sociais dos alunos fossem representadas e que os educadores não se resumissem em ensinamento de conteúdos, mas também que estimulassem os seus estudantes a pensarem criticamente e formularem as suas próprias opiniões.

hooks usou Paulo Freire como uma das suas inspirações na luta por uma pedagogia engajada e crítica, em que a educação fosse um método democrático e inclusivo. O objetivo dessa metodologia era que os alunos entendessem que eles podem transformar o ambiente que fazem parte e que eles vissem que podem ser sujeitos ativos e não meros objetos.

Como mencionado anteriormente, este trabalho tem a intenção de analisar a influência da bibliografia de Paulo Freire na pedagogia engajada defendida por bell hooks no livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*.

1- A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO:

Paulo Reglus Neves Freire foi um educador, escritor e filósofo brasileiro nascido em Recife, capital do estado de Pernambuco, no Nordeste do país, no dia 19 de setembro de 1921. Patrono da Educação Brasileira desde 2012, é um dos mais influentes pensadores da pedagogia no mundo. Ganhador de 36 títulos de *Doutor Honoris Causa* de universidades localizadas na Europa e nas Américas. Também recebeu diversos outros prêmios, como exemplo: Prêmio de Educação para a Paz, concedido pela UNESCO, em 1986 e a Ordem do Mérito Cultural, concedida de maneira póstuma pelo antigo Ministério da Cultura, em 2011. Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado do mundo em trabalhos acadêmicos de universidades da área

de humanas. O levantamento foi feito por Elliot Green, professor na London School of Economics, utilizando o Google Scholar, ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica. Segundo a classificação feita por Green, Paulo Freire é citado 72.359 vezes, ficando atrás somente do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780). Segundo o projeto Open Syllabus, a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, também está entre os 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa no mundo, ficando em segundo lugar entre os livros sobre educação. Foi o único livro brasileiro a entrar na lista. O Massachusetts Institute of Technology também fez um levantamento que colocava Paulo Freire como um dos filósofos mais lidos em todo o mundo.

2- ANOS INICIAIS E FORMAÇÃO DE PAULO FREIRE

Pertencia à uma família de classe média, era filho de Joaquim Temístocles Freire, um capitão da Polícia Militar de Pernambuco e de Edeltrudes Neves Freire, uma dona de casa. A família chegou a passar fome durante a Crise econômica de 1929, mas ele conseguiu continuar estudando, pois dois, de seus três, irmãos trabalhavam desde cedo para ajudar nas despesas da casa. Freire disse no trecho de uma entrevista antiga apresentada no documentário “Paulo Freire:100 anos”, da TV Cultura: “Tive a experiência física material do que é, para uma criança estudar com fome e, por isso mesmo, eu estudei tarde. ”. Por estarem com problemas econômicos, quando tinha 10 anos, Paulo se mudou com a sua família para o município chamado Jaboatão dos Guararapes, localizado no Sul da capital de Pernambuco. Depois da morte de seu pai, no ano de 1934, conseguiu com o diretor do Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, uma bolsa de estudos para cursar o ensino secundário. Este era considerado um colégio bastante progressista, por não separar as turmas por gêneros, deixando meninos e meninas ficarem na mesma turma, e recebendo alunos de todas as religiões.

Paulo também trabalhou neste colégio como auxiliar de disciplina. Depois de se formar em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, que, atualmente, faz parte da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), começou a atuar como professor de língua portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz e de filosofia na Escola de Belas Artes da UFPE, ele não chegou a exercer a profissão de advogado, preferindo se dedicar à educação. Em uma entrevista, Freire explica que teve apenas uma experiência com a

advocacia, no período em que ainda estava para se formar. Sua única causa foi contra um jovem dentista que comprou um equipamento odontológico, mas não tinha como pagar, Paulo era o advogado do credor. Ele chamou o dentista para conversar no seu escritório, onde o dentista explicou que não tinha como pagar e ia perder os instrumentos de trabalho. Paulo Freire diz que ele deixou de ser advogado naquele dia.

-“Eu deixei de ser advogado naquele dia. Disse para ele “Olha, vá para casa que tu vais ter, no mínimo 15 dias em paz com tua mulher, porque eu vou daqui a 15 dias, eu vou devolver essa casa e o dono, seu credor, vai ter mais uma semana para arranjar outro advogado. (...) E, é aí que vão te aperrear de novo (...)” E larguei, completamente, até hoje!” (PAULO FREIRE, entrevista não datada)

Em 1944, se casou com a sua primeira esposa, a professora primária Elza Maia Costa Oliveira, com quem viria a ter cinco filhos. Eles permaneceram casados até a morte de Elza, em 1986. Assim como o marido, ela também era formada em direito, mas se dedicou à pedagogia.

Paulo também teve experiência em áreas administrativas da educação, trabalhando na direção do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), de 1947 até o final dos anos 50. Foi no SESI que ele iniciou seu trabalho de alfabetização com jovens e adultos. Insatisfeito com o tipo de educação conservadora e acrítica que era comum na época, fundou, junto com outros professores, o Instituto Capibaribe:

Em 1955, um grupo de educadores, tendo à frente o professor Paulo Freire, inquieto com o cenário social do Recife, em que a educação exercia a função mantenedora, acrítica, de uma sociedade tradicional, conservadora, fundou o Instituto Capibaribe, uma das primeiras escolas "alternativas" da cidade. O Capibaribe, que em tupi significa "rio das capivaras", inspirou Freire que, sensível à cultura de sua terra, deu este nome à escola que fundara e dirigia, justificando-se: "o rio Capibaribe é a beleza e a poesia da cidade do Recife". A proposta de criar uma escola transformadora atraiu muitos intelectuais da época, que participaram ativamente discutindo e aprofundando novas ideias a respeito do porquê, do para quê e do como, ensinar e aprender. Em 3 de março de 1955, o Instituto Capibaribe foi oficialmente fundado, como sociedade civil sem fins lucrativos, sem proprietários, com finalidade de educar crianças, formar professores e atualizar famílias, mantido pelas mensalidades pagas pelos estudantes. As aulas tiveram início no dia 7 de março. Com uma estrutura participativa, o Capibaribe foi organizado por conselhos: Diretor, de Sócios Colaboradores, de Pais (de Finanças e de Integração Família Escola) e de Alunos (as). (INSTITUTO CAPIBARIBE, 2022)

Em 1959, passou no processo seletivo para ocupar a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife. Durante o seu período como diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife, em 1961, começou a colocar em prática o método de alfabetização de

jovens e adultos que, mais tarde, receberia o seu nome. À princípio, criou um projeto de extensão para a alfabetização de jovens e adultos que atendia pessoas de baixa renda de Recife e, depois, dos interiores de Pernambuco. A primeira experiência de alfabetização foi feita com cinco analfabetos, dois desistiram nos primeiros dias:

Eram homens egressos de zonas rurais, revelando certo fatalismo e certa apatia diante dos problemas. Completamente analfabetos. No vigésimo dia de debates, aplicamos testes de medição de aprendizado, cujos resultados foram favoráveis (positivos). Nesta fase trabalhávamos com epidiascópio por nos proporcionar maior flexibilidade na experiência. Projetávamos uma ficha em que apareciam duas vasilhas de cozinha, numa escrita a palavra “açúcar”, noutra “veneno”. E abaixo: “Qual dos dois você usaria para sua laranjada?” Pedíamos então ao grupo que tentasse ler a pergunta e desse a resposta oralmente. Respondiam rindo, depois de alguns segundos: “açúcar”. O mesmo procedimento com relação a outros testes, como por exemplo o de reconhecimento de linhas de ônibus e edifícios públicos. Na vigésima primeira hora, um dos participantes escreveu com segurança: “Eu já estou espantado comigo mesmo.” (PAULO FREIRE, 2021, p.136)

3- MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO FREIRIANO E EXÍLIO DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Em 1963, o Método Paulo Freire de alfabetização adotou um grupo teste de educação popular que alfabetizou 300 cortadores de cana-de-açúcar da cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em, apenas, 45 dias. O processo foi feito em quarenta horas de estudo e sem o uso de cartilha de alfabetização. As palavras usadas no processo deveriam vir do processo criador dos próprios educandos, pois elas deveriam ser uma representação do seu dia-a-dia e o começo da ação crítica da alfabetização.

Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador. Por isso é que buscávamos um método que fosse também instrumento do educando, e não só do educador, e que identificasse, como lucidamente observou um jovem sociólogo brasileiro, o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo da aprendizagem.

Daí a nossa descrença nas cartilhas, que pretendem a montagem da sinalização gráfica como uma doação e reduzem o analfabeto mais a condição de *objeto* que à de *sujeito* de sua alfabetização. Teríamos de pensar, por outro lado, na redução das chamadas palavras geradoras, fundamentais ao aprendizado de uma língua silábica como a nossa. Não acreditávamos na necessidade de quarenta, cinquenta, oitenta palavras geradoras para a apreensão dos fonemas básicos da língua portuguesa. Seria isto, como é, uma perda de tempo. Quinze ou dezoito nos pareciam suficientes, para o processo de alfabetização pela conscientização. (FREIRE, 2021, p.146 e 147)

O método de alfabetização proposto por Paulo Freire utilizava palavras geradoras, que, segundo ele, “são aquelas que, decompostas em seus elementos silábicos, propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras” (2021, p.146), eram levadas em consideração as possibilidades fonêmicas e a semântica. Uma pesquisa era feita sobre o universo do grupo que seria alfabetizado e as palavras escolhidas eram retiradas do vocabulário usado no dia a dia dos estudantes, respeitando o contexto e experiências de vida do grupo que seria alfabetizado no momento. As palavras não só poderiam causar discussões em sala de aula, mas também deveriam ser ricas para a criação de novas palavras a partir das suas sílabas.

Desde logo, afastáramos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emersão que fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos. Pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada à democratização. Numa alfabetização que, por isso mesmo, tivesse no homem não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas o seu sujeito. Na verdade, somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou de um dia sem “trabalho”, lições que falam de ASA – “Pedro viu a Asa” – “A Asa é da Ave”. Lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas. “Eva viu a uva.” Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação. (PAULO FREIRE, 2021, p.136 e 137)

Reconhecendo o sucesso do Método Paulo Freire, o governo de João Goulart, que era Presidente do Brasil na época (1961-1964), o convidou para organizar o Plano Nacional de Alfabetização, que seria iniciado em janeiro de 1964, e tinha como objetivo alfabetizar 2 milhões de pessoas, além de formar educadores em massa e criar 20 mil círculos de cultura¹, nome que foi dado por Freire para as aulas em que alfabetizava jovens e adultos. Entretanto, a implementação do projeto foi logo interrompida quando o golpe militar de 1964 ocorreu e iniciou-se a ditadura militar brasileira.

¹ “No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo”. Professor Ernani Maria Fiori, em prefácio a Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido*, 2021B, p.15)

Paulo Freire acreditava na conscientização dos trabalhadores com o uso dos círculos de cultura e do uso das suas experiências de vida, de onde partiu a Pedagogia do Oprimido, livro escrito durante o seu exílio político no Chile, apesar de ter sido publicado pela primeira vez no exterior em 1968, foi editado no Brasil apenas em 1984, ano do final da ditadura militar.

Paulo Freire tem uma opção clara pelos oprimidos. Ele denunciou que o processo de desumanização de homens e mulheres no mundo é fruto de uma ordem social e econômica injusta, que leva à alienação. E a solução que ele apresenta é uma educação crítica e problematizadora, que conduz à emancipação. (LISETE ARELARO, 2021)

O projeto feito em Angicos tinha sido financiado pela Aliança para o Progresso, do governo dos Estados Unidos, que acreditava que, alfabetizar a população seria uma maneira de evitar o crescimento do comunismo nos países da América Latina, o plano norte-americano concedia uma verba de 36 dólares por aluno. “Se até hoje [o projeto] não foi retomado, é por intenção de não gerar condições de aprendizagem para uma parte da população, que termina por não desenvolver o seu potencial”, diz o advogado Marcos Guerra, que também coordenou a experiência em Angicos e chegou a ser preso e exilado durante a ditadura militar no Brasil. A cidade tinha sido escolhida pois, na época, possuía o maior número de analfabetos do país, também era um local com muita desigualdade social. Após serem incentivados a ler os artigos da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) durante uma das aulas da experiência, uma grande greve de trabalhadores ocorreu na cidade. Eles começaram a reivindicar os seus direitos trabalhistas, carteira assinada, repouso semanal remunerado, jornada de trabalho com horas estabelecidas por lei e férias. “Os trabalhadores disseram ao dono da empresa que sabiam que tinham direitos. [...] E o patrão disse: ‘eu não dou isso não, ninguém dá’”, lembrou o coordenador do projeto na época.

Fui alfabetizada no curso de Paulo Freire. Daí, quando eu entrei para o primeiro ano do fundamental, eu já falava de reforma agrária, das leis da Constituição. As professoras não gostavam, diziam que eu estava mentindo. As pessoas não eram esclarecidas naquela época (MARIA ENEIDE, aluna do curso Paulo Freire e pedagoga)

A experiência na cidade também deu o poder de voto para muitas pessoas, pois, na época, analfabetos não tinham o direito de votar. Segundo a reportagem publicada pela ONG Repórter Brasil, antes do curso, a cidade tinha cerca de 800 eleitores cadastrados e ganhou cerca de 300 novas inscrições. O que, obviamente, não agradou fazendeiros, empresários e políticos da região, pois eles não queriam

que a população reivindicasse seus direitos. Com a conscientização dos educandos, agora, eles poderiam exigir e lutar por melhorias das suas insatisfações sociais.

Na medida, porém, em que as classes populares emergem, descobrem e sentem esta visualização que delas fazem as elites, inclinam-se, sempre que podem, a respostas autenticamente agressivas. Estas elites, assustadas, na proporção em que se encontram na vigência de seu poder, tendem a fazer silenciar as massas populares, domesticando-as com a força ou soluções paternalistas. (FREIRE, 2021, p.114)

O novo governo militar considerava a ideologia propagada por Paulo subversiva e ele, que era acusado de propagar ideias comunistas, foi demitido da Universidade do Recife e, no dia 16 de junho de 1964, foi preso por mais de dois meses em um quartel em Olinda, Pernambuco.

Evidentemente, eu fui preso e eu fui exilado, por causa da ditadura. Quer dizer, (...) a ditadura militar de 64 considerou e, não só considerou, mas disse por escrito, publicou que eu era um perigoso subversivo internacional, um inimigo do povo brasileiro e um inimigo de Deus. Quer dizer, ainda arranjaram essa carga para mim de ser inimigo de Deus. (FREIRE, PROGRAMA MATÉRIA PRIMA, TV CULTURA, 1990)

Depois, foi exilado na Bolívia, país que também teve que deixar rapidamente após o Golpe de Estado em novembro de 1964. Em sequência, Freire e sua família buscaram asilo político e se exilaram em Santiago, no Chile. Lá, trabalhou como assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario e do Ministério da Educação do Chile, também foi consultor da UNESCO junto ao Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária do Chile e continuou trabalhando com a alfabetização de adultos no país.

Em 1969, Paulo Freire foi convidado para ser professor convidado em Harvard, situada na cidade de Cambridge, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, posição que ocupou durante um ano. Durante os 16 anos de exílio, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, na cidade de Genebra, na Suíça. Também, deu consultoria educacional ao governo de vários outros países, principalmente na África.

Como um andarilho da esperança, do trabalho e da mudança de vida das pessoas, Paulo Freire espalha um legado por todos os continentes. Freire viveu na Bolívia, no Chile, em Cambridge (Inglarerra), nos EUA, em Genebra (Suíça), e visitou vários lugares no mundo. A partir da sua atuação no Conselho Mundial das Igrejas, do qual se tornou Consultor Especial no Departamento de Educação, Paulo Freire “andarilhou” pela África, Ásia e mesmo Oceania, mas seus passos no coração do mundo, o Continente Africano, marcam a libertação de alguns destes povos. [...]O amplo processo cultural e educativo de erradicação do analfabetismo no bojo da Revolução Sandinista, na Nicarágua, e uma imensidão de outros exemplos históricos colocam em marcha o legado de Paulo Freire de uma Pedagogia do Oprimido. O pensamento freireano foi influenciador direto da Cruzada Nacional de Alfabetização [...] A partir do Conselho Mundial das Igrejas, Freire

teve atuação principalmente com as realidades de países de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde e, em maior grau, Guiné-Bissau. Mas esteve em contato também com Gabão, Tanzânia, Quênia, Senegal, Botswana e Zâmbia. (RAFAEL SORIANO, 2021)

No final da década de 70, a Lei da Anistia foi sancionada pelo, então, presidente João Baptista Figueiredo (1979-1985) permitindo o retorno para o Brasil dos exilados políticos. Retornou em 1980, onde foi dar aulas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Casou-se com a sua segunda esposa, a pedagoga e doutora em Educação pela PUC-SP, Ana Maria de Araújo, conhecida como Nita, em 1988.

Freire também chegou a integrar o Partido dos Trabalhadores, sendo Presidente da 1.^a Diretoria Executiva da Fundação Wilson Pinheiro, além de ter sido Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo no governo da, então prefeita, Luiza Erundina (1989-1992).

Criado no início da década de 90, o Instituto Paulo Freire tem o intuito de criar ações na área da educação com a intenção de reduzir a desigualdade social na população. O Instituto promove consultorias e criação de projetos voltados, principalmente, para o público de jovens e adultos, implementação de currículo e projetos políticos pedagógicos, além de, cursos de formação para alfabetizadores e professores.

Geralmente, encontramos nas escolas currículos acabados, prontos para serem aplicados. Infelizmente, impera um caráter conteudista, ou o que Freire chamava de educação bancária, depositária, desconsiderando a realidade concreta em que o professor irá atuar [...] Ele dizia esses modelos não passam de um 'balé de conceitos', pura teoria. (JULIANO PEROZA, 2021)

Durante a gestão de Erundina e Paulo Freire, a rede municipal ganhou cerca de 120 mil alunos e centenas de conselhos escolares. Foi criado o MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos). Além disso, criou a iniciativa para que as escolas fossem abertas nos finais de semana para refeições e atividades recreativas.

Paulo Freire continuou trabalhando na área da educação até o dia da sua morte em 2 de maio de 1997, quando, aos 75 anos de idade, sofreu um ataque cardíaco causado por complicações em uma angioplastia, uma operação de desobstrução de artérias que conduzem o sangue ao coração, no Hospital Albert Einstein, na cidade de São Paulo.

Sua esposa, Nita, venceu o prêmio Jabuti em 2007 por escrever a sua biografia, *Paulo Freire – Uma história de vida*, durante entrevista para o site de notícias Brasil

de Fato, ela disse sobre o legado do seu marido: “Paulo está sendo mais lido hoje do que nos anos 1990, quando estava vivo. [...] Hoje, com o mundo em crise, cheio de ódios e antagonismos, há a necessidade de um mundo mais ameno, onde ‘amar seja possível’, como ele dizia”.

4- PEDAGOGIA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE:

Como foi dito no capítulo anterior sobre Paulo Freire, para o educador pernambucano, a educação é política. Ele acredita na conscientização dos estudantes durante a educação, isso porque, devemos levar em consideração a busca pela equidade social e os processos sociais e econômicos que levam os indivíduos até a condição de marginalização social. As classes mais altas não tinham interesse na ascensão das classes mais baixas, pois correriam o risco de serem retirados do poder e de ter que ceder seus privilégios. “O que lhe interessa (...) é a permanência delas em seu estado de “imersão” em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora (FREIRE, 2022B, p.54). Segundo Paulo Freire (2021, p.116), a classe média também se sentia ameaçada com a possível elevação das classes baixas, pois também buscavam essa ascensão e temiam sua proletarização, “daí a sua posição reacionária diante da emersão popular. ”

As condições estruturais de nossa colonização não nos foram, porém, favoráveis. Os analistas, sobretudo os de nossas instituições políticas, insistem na demonstração desta inexperiência. Inexperiência democrática enraizada em verdadeiros complexos culturais.

Realmente, o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o “poder do senhor” se alongava “das terras às gentes também” e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro. [...]

A nossa colonização foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram – e dificilmente poderiam ter tido – intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra. (FREIRE, 2021, p.90 e 91)

Importávamos o estado democrático não apenas quando não tínhamos nenhuma experiência de autogoverno, inexistente em toda a nossa vida colonial, mas também, e de oferecer ao “povo” inexperimentado circunstâncias ou clima para as primeiras experiências verdadeiramente democráticas. Superpúnhamos a uma estrutura economicamente feudal e a uma estrutura social em que o homem vivia vencido, esmagado e “mudo” uma forma política e social cujos fundamentos exigiam, ao contrário do mutismo, a dialogação, a participação, a responsabilidade, política e social. A

solidariedade social e política, também, a que não poderíamos chegar, tendo parado, como paráramos, na solidariedade privada, revelada numa ou noutra manifestação como o “mutirão”. (FREIRE, 2021, p.107)

A Pedagogia engajada é uma pedagogia de transformação, ela é chamada por Paulo Freire de uma pedagogia crítica e autônoma, ela tem o intuito de analisar a realidade da população e seus cidadãos para que possa ocorrer uma mudança na sociedade a partir dela. Freire diz, em *Pedagogia do Oprimido*, que para a pedagogia libertadora funcionar é necessário acreditar no oprimido e no seu potencial de pensar e lutar para a sua libertação. Caso contrário, “abandonamos a ideia, ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos *slogans* (...)”. (FREIRE, 2022B, p.73).

Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado ao outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica e, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender. (FREIRE, 2021, p. 56)

Insistimos, em todo corpo de nosso estudo, na *integração*, e não na *acomodação*, como atividade da órbita puramente humana. A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. À medida que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. *Acomoda-se. Ajusta-se*. O homem integrado é o homem *sujeito*. A adaptação é assim um conceito passivo – A integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados. (FREIRE, 2021, p. 58)

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe. (FREIRE, 2021, p.108 e 109)

Paulo Freire era crítico de uma forma de educação conservadora, que ele chamava de “educação bancária”. “(...) Ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2022A, p.24). Uma educação bancária colocaria o educando em uma posição passiva de objeto, não de sujeito, apenas recebendo e reproduzindo os conhecimentos, sem contestações. Em *Pedagogia do Oprimido* (2022B, p.80), a educação bancária é chamada de uma “memorização mecânica do conteúdo narrado” pelo educador.

Neste sistema, o professor “deposita” o conhecimento de conteúdos impostos no educando que o memoriza e repete sem questionamentos. A educação “bancária” é utilizada pela elite que não têm interesse em conscientizar a população ou mudar a situação em que ela se encontra. A falta de diálogo faz com que os educandos repitam os *slogans* dos opressores, que são usados para a doutrinação e para manter os oprimidos imersos na sua própria exploração. A educação deve partir dos educandos em diálogo com os seus educadores, levando em consideração a sua própria percepção crítica das suas experiências de vida.

Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente. A educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. (FREIRE, 2022B, p.11)

A produção em série, como organização de trabalho humano, é, possivelmente, dos mais instrumentais fatores de massificação do homem no mundo altamente técnico atual. Ao exigir dele comportamento mecanizado pela repetição de um mesmo ato, com que realiza uma parte apenas da totalidade da obra, de que se desvincula, “domestica-o”. Não exige atitude crítica total diante de sua produção. Desumaniza-o. Corta-lhe os horizontes com a estreiteza da especialização exagerada. Faz dele um ser passivo. Medroso. Ingênuo. Daí a sua grande contradição: a ampliação das esferas de participação e o perigo de esta ampliação sofrer distorção com a limitação da criticidade, pelo especialismo exagerado na produção em série. A solução, na verdade, não pode estar na defesa de formas antiquadas e inadequadas ao mundo de hoje, mas na aceitação da realidade e na solução objetiva de seus problemas. Nem pode estar na nutrição de um pessimismo ingênuo e no horror à máquina, mas na humanização do homem. (FREIRE, 2021, p.118)

A educação bancária também ignora as transformações que o educador passa ao trabalhar junto com o educando. O educador também aprende ao ensinar.

Segundo Paulo Freire (2021, p.117), “necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. Levando em consideração o cenário político da época, Freire via a necessidade de uma reforma na educação, que não fosse uma bancária. Ele acreditava que uma pedagogia da liberdade deveria desalienar e lutar para a recuperação de sua humanidade. A pedagogia do oprimido é “aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele”. (FREIRE, 2022B, p.43). O

tipo de pedagogia acrítica, “nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 2022, p.81).

Tínhamos de nos convencer desta obviedade: uma sociedade que vinha e vem sofrendo alterações tão profundas, e às vezes até bruscas, e em que as transformações tendiam a ativar cada vez mais o povo em emersão necessitava de uma reforma urgente e total no seu processo educativo. Reforma que atingisse a própria organização e o próprio trabalho educacional em outras instituições, ultrapassando os limites mesmos das estritamente pedagógicas. (FREIRE, 2021, p.117)

Na pedagogia como prática para a liberdade, Paulo Freire acreditava que para desenvolver a democracia na sociedade, era necessário que, no momento da educação, o estudante recebesse ferramentas para resistir aos poderes que tentavam desumaniza-lo e remover a sua agência. Ao alfabetizar, ele não queria apenas que o educando repetisse as palavras, mas que fosse criador de cultura.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. [...]

Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições quietistas em vez daquela que o levasse à procura da verdade em comum, “ouvindo, perguntando, investigando”. Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada, tanto quanto possível, criticamente ou com acento cada vez maior de racionalidade. (FREIRE, 2021, p.119)

Sem o processo de transformação na educação, a pedagogia predominante é a do opressor, pois ele quem tem o poder neste formato social. “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. ” (FREIRE, 2022b, p.43). Paulo Freire diz que um ponto vulnerável da ação libertadora é a ambiguidade entre opressores e oprimidos, muitas vezes, por ter a formação do pensamento condicionada pela pedagogia criada pelos opressores, o oprimido, ao invés de lutar para a libertação de outros oprimidos, pode acabar se tornando opressor, pois se encontra preso na estrutura de dominação da sociedade. Os oprimidos, principalmente os da classe média, acabam criando um desejo de alcançarem o mesmo padrão de vida do grupo que consideram como superior na escala social.

A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.

Desta forma, por exemplo, querem a reforma agrária, não para se libertarem, mas para passarem a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados. (FREIRE, 2022B, p.45)

Toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta. Não importa que se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice ao amor. Óbice ao amor na medida em que dominador e dominado, desumanizando-se o primeiro, por excesso, o segundo, por falta de poder, se fazem coisas. E coisas que não se amam. De modo geral, porém, quando o oprimido legitimamente se levanta contra o opressor, em quem identifica a opressão, é a ele que se chama de violento, de bárbaro, de desumano, de frio. É que, entre os incontáveis direitos que se admite a si, a consciência dominadora tem mais estes: o de definir a violência. O de caracterizá-la. O de localizá-la. E se esse direito lhe assiste, com exclusividade, não será nela mesma que irá encontrar a violência. Não será a si própria que chamará de violenta. Na verdade, a violência do oprimido, ademais de ser mera resposta em que revela o intento de recuperar sua humanidade, é, no fundo, ainda, a lição que recebeu do opressor. Com ele, desde cedo, como salienta Fanon, é que o oprimido aprende a torturar. Com uma sutil diferença neste aprendizado – o opressor aprende a torturar, torturando o oprimido. O oprimido, sendo torturado pelo opressor. (FREIRE, 2021, p.69 e 70)

Freire chama o processo de libertação e da superação da contradição entre opressores e oprimidos de “um parto doloroso” (2022B, p.48). Os oprimidos precisam expulsar o opressor de dentro de si e se desalienarem para a libertação de todos os oprimidos.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2022B, p.72)

5- BELL HOOKS – ANOS INICIAIS E FORMAÇÃO:

bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, foi uma escritora, professora e ativista renomada globalmente nascida no dia 25 de setembro de 1952, na cidade rural Hopkinsville, localizada no estado do Kentucky, na região Sul dos Estados Unidos da América. Watkins escolheu o seu pseudônimo como uma homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks, e à todas as mulheres que vieram antes dela. Ela registrava o seu nome com as letras iniciais minúsculas como uma simbologia para que mais atenção fosse dada aos temas e ideias que ela escrevia do que a sua identidade, ela abrangeu os mais diversos assuntos nos seus trabalhos, mas, principalmente, examinava a intersecção de raça, política e gênero na sociedade. Foi

autora de dezenas de textos, sua escrita prolífica englobou poesia, ensaios e livros, incluindo 5 infantis.

Ela era a filha de Rosa Bell e Veodis Watkins, que tinham sete filhos no total, Gloria sendo a quarta. Sendo sua origem de uma família de classe trabalhadora, o seu pai era um zelador e sua mãe trabalhava como empregada doméstica em casas de famílias brancas.

Para falar sobre bell hooks é necessário entender o contexto político da época de seu nascimento, ela foi uma mulher negra que cresceu em uma cidade segregada no Sul dos Estados Unidos. Com a colonização inglesa no país norte americano, houve uma discrepância no desenvolvimento entre os estados das regiões Norte e do Sul. Depois da declaração da independência do país, em 1776, os estados do Norte usavam a mão de obra assalariada e o trabalho livre, enquanto o Sul utilizava escravos e tinha como principal parte econômica as fazendas agrárias, conhecidas como *plantations*. Após a vitória dos estados do Norte durante a Guerra da Secessão (1861-1865), foi abolida a escravidão que era praticada nos estados sulistas do país. Entretanto, os brancos do Sul continuaram a criar maneiras de manter os brancos e negros separados. A seita supremacista branca Ku Klux Klan (KKK), que perseguia, linchava e assassinava pessoas negras, foi formada no mesmo ano do término da Guerra Civil, em 1865, no estado americano do Tennessee. Também foram criadas as Leis de Jim Crow (1877-1964) que decretavam a segregação racial nos estados do Sul dos Estados Unidos. Estas leis discriminatórias negavam os direitos dos negros. As leis reforçavam a segregação racial em escolas, transportes públicos, parques, restaurantes e, até mesmo, bebedouros, além de manter a população negra à marginalização econômica. O casamento entre brancos e negros também era proibido. Civis que tentassem protestar corriam o risco de serem presos, como foi o caso de Rosa Parks em 1955, mulher negra que se recusou a ceder o seu assento para uma pessoa branca em um ônibus de Montgomery, Alabama. As Leis de Jim Crow começaram a ser eliminadas a partir de 1964, com a implementação da Lei dos Direitos Civis. A organização terrorista Ku Klux Klan foi considerada formalmente extinta depois do linchamento do jovem negro Michael Donald, em 1981. Após a investigação feita pelo FBI, dois membros da seita foram considerados culpados pelo assassinato. Com isto, Beulah Mae Donald, mãe de Michael, processou a organização UKA (United Klans of America), que é parte do KKK, por homicídio culposo e ganhou a ação. Ela deveria ser recompensada com o valor de 7 milhões de dólares, valor que

faliu a organização. Entretanto, até os dias atuais, o KKK tem simpatizantes que ainda operam com atos racistas no país.

Gloria estudou nos colégios públicos segregados, Escola de Ensino Fundamental Booker T. Washington e Escola de Ensino Médio Crispus Attucks, onde a maioria dos professores eram mulheres negras. No seu livro, *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, ela enaltece a dedicação das professoras que foram seus exemplos durante a sua trajetória acadêmica:

O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era uma ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. Nessas escolas segregadas, as crianças negras consideradas excepcionalmente dotadas recebiam atenção especial. As professoras trabalhavam conosco e para nós a fim de garantir que realizássemos nosso destino intelectual e, assim, edificássemos a raça. Minhas professoras tinham uma missão. (HOOKS, 2021, p. 10)

bell hooks descreve ir para a escola de Ensino Fundamental para negros como “pura alegria” e que “ser transformada por novas ideias era puro prazer” (2021, p.11). Com o fim da segregação racial, a sua vida escolar mudou radicalmente:

De repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar. Já não tinha ligação com a luta antirracista. Levados de ônibus a escola de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como uma ameaça à autoridade branca[...] Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade.[...]Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. (HOOKS, 2021, p.12)

Ela descreve o período de dessegregação racial durante a sua adolescência como “repleto de hostilidade, raiva, conflito e perda” (2021, p.38). Ela e seus colegas de turma ressentiam ter que abandonar a escola segregada para negros, Crispus Attucks, que gostavam de frequentar, e ir para uma escola integrada, ao qual ela se refere diversas vezes no seu livro como “escola de brancos”, que ficava distante de onde morava:

Nós é que tínhamos de viajar para fazer da dessegregação uma realidade. Tínhamos de renunciar ao que conhecíamos e entrar em um mundo que parecia frio e estranho. Não era nosso mundo, não era nossa escola. Não estávamos mais no centro, mas à margem, e isso doía. Foi uma época extremamente infeliz. Ainda me lembro da raiva que sentia por termos de

acordar uma hora mais cedo para ir de ônibus à escola antes de os alunos brancos chegarem. Tínhamos de sentar no ginásio e esperar. Acreditava-se que essa prática impediria episódios de violência e hostilidade, pois eliminava a possibilidade de contato social antes de a aula começar. Mas o fardo dessa transição também fomos nós que tivemos que carregar. A escola dos brancos era dessegregada; mas, nas salas de aula, na cantina e na maioria dos espaços sociais, prevalecia o apartheid. (HOOKS, 2021, p.38)

Watkins se graduou em inglês na Universidade de Stanford, situada em Palo Alto, na Califórnia, em 1973, concluiu o seu mestrado em letras na Universidade de Wisconsin-Madison em 1976 e o doutorado em literatura na Universidade da Califórnia, localizada em Santa Cruz, em 1983. bell hooks diz ter entrado para fazer a sua graduação em Stanford com uma aguda consciência da questão da classe, por ter uma origem pobre e de meio materialmente desprivilegiado:

Quando fiquei sabendo que tinha sido aceita na Universidade Stanford, a primeira questão que surgiu em casa foi como eu arcaria com os custos. Meus pais entendiam que eu tinha recebido uma bolsa e podia fazer empréstimos, mas queriam saber de onde viria o dinheiro para o transporte, as roupas, os livros. Dadas essas preocupações, fui para Stanford pensando que a questão da classe dizia respeito principalmente à materialidade. Levei pouco tempo para perceber que a classe social não era mera questão de dinheiro, que ela moldava os valores, as atitudes, as relações sociais e os preconceitos que definiam o modo como o conhecimento seria distribuído e recebido. (HOOKS, 2021, p. 235)

Iniciou sua carreira como professora acadêmica em 1976, na Universidade do Sul da Califórnia, dando aulas de inglês e estudos étnicos, ela viria a lecionar em diversas outras instituições renomadas, como a Universidade de Yale, a Faculdade da Cidade de Nova Iorque e na Universidade de Stanford, local em que estudou anteriormente. Em 2004, hooks retornou para o Kentucky para dar aulas na Faculdade de Berea, localizada na cidade de Berea, onde ela fundou, em 2014, o Instituto bell hooks para promover programação feminista adicional no currículo acadêmico. A página do instituto, localizada no site da Faculdade de Berea, o descreve, traduzido livremente por mim, como:

O Instituto bell hooks homenageia o legado de hooks apoiando os alunos como líderes de justiça social que são ativos na criação de um subcomum radical onde suas muitas e variadas expressões de diferença podem prosperar. Nosso projeto carro-chefe recebe feministas estudiosas, ativistas e artistas importantes que podem ensinar nosso campus e comunidade como navegar e agitar contra as estruturas de poder que se cruzam e que hooks descreve generativamente como “patriarcado imperialista-branco-supremacista-capitalista”. Acreditamos que uma compreensão de como o sexo e a opressão de gênero são produtos não apenas do patriarcado, mas também e especialmente da supremacia branca, tem o potencial de traçar um novo capítulo nos grandes compromissos históricos da Faculdade de Berea - um que cultiva a coalizão radical entre mulheres, Alunos LGBTQPIA+ e alunos negros. Nosso centro está, portanto, empenhado em equipar os alunos com linguagem e ferramentas para imaginar e realizar novos relacionamentos que não precisem reproduzir a hierarquia de gênero, que

acreditamos, seguindo os ensinamentos de bell hooks, também ser uma hierarquia racial. (INSTITUTO BELL HOOKS, 2022)

Um de seus medos era conseguir ser efetivada pelo Departamento de Inglês da Faculdade de Oberlin, a estabilidade do cargo a assustava, assim como o medo de ficar na academia para sempre. Gloria já começa o seu livro enfatizando logo na primeira página que nunca quis ser professora, seu sonho era ser escritora, mas “no Sul, na época do *apartheid*, as meninas negras de classe trabalhadora tinham três opções de carreira. Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola.” (2021, p.9):

Desde a infância, eu acreditava que iria lecionar e escrever. O escrever seria o trabalho sério e o lecionar, o “emprego” não tão sério que eu precisava para ganhar a vida. O escrever, conforme pensava então, era uma questão de anseio particular e glória pessoal, enquanto o lecionar era um serviço, uma forma de retribuir à comunidade. Para os negros, o lecionar – o educar – era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista. Com efeito, foi nas escolas de ensino fundamental, frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado com revolução. (HOOKS, 2021, p.10)

bell hooks adorava aprender e ser aluna, “ser transformada por novas ideias era puro prazer” (2021, p.11). Era importante para ela ter conhecimentos e perspectivas novas das que ela tinha contato dentro de sua casa com a sua família. “Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias.” (2021, p.11).

Enquanto estava cursando a sua graduação em Stanford, hooks teve mais experiências negativas com as aulas que recebia, em que os professores não pareciam engajados e interessados nos alunos que estavam ensinando e pareciam querer manter a hierarquia entre os professores, como autoridade, e estudantes, como subordinados, dentro de sala de aula:

Fiquei surpresa e chocada ao assistir a aulas em que os professores não se entusiasmavam com o ato de ensinar, em que pareciam não ter a mais vaga noção de que a educação tem a ver com a prática da liberdade. Na faculdade, reforçou-se a principal lição: Tínhamos de aprender a obedecer à autoridade. No curso de graduação, a sala de aula se tornou um objeto de ódio, mas era um lugar onde eu lutava para reivindicar e conservar o direito de ser uma pensadora independente. A universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa e possibilidade. Escrevi meu primeiro livro enquanto fazia o curso de graduação [...] mas, mais importante, estava me preparando para ser professora. Aceitando a profissão de professora como meu destino, eu me atormentava com a realidade das salas de aula que conhecia como aluna de graduação e pós-graduação. A grande maioria dos nossos professores não dispunham de habilidades básicas de comunicação. Não eram atualizados e frequentemente usavam a sala de aula para executar rituais de controle cuja essência era a dominação e o exercício injusto do poder. Nesse

ambiente, aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser (HOOKS, 2021, p.13 e 14)

Gloria Watkins não queria ser uma educadora conformista, ela queria ser uma pensadora crítica. Mas viver fora da conformidade era considerado uma ameaça contra às autoridades. “Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão” (HOOKS, 2021, p.17). Durante o seu livro, *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, bell hooks descreve a sua experiência como aluna em salas de aulas que ela considerava como tediosas e a vontade de que alunos tivessem as suas particularidades e necessidades atendidas, defendia a acessibilidade de conteúdos para todos, inclusive na linguagem que usava nos seus textos, lutando contra o elitismo acadêmico. Ela também defendia que as práticas didáticas deveriam ser flexíveis e “teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção” (HOOKS, 2021, p.17) e que na pedagogia engajada “cada sala de aula é diferente, que as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino” (HOOKS, 2021, p.21). Ela desejava uma sala de aula com conteúdos e didáticas que levassem a um aprendizado empolgante, sem deixar de lado a parte intelectual.

Para começar, o professor precisa *valorizar* de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes, antes de o processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala. Essa responsabilidade é proporcional ao *status*. Fato é que o professor sempre será o principal responsável, pois as estruturas institucionais maiores sempre depositarão sobre seus ombros a responsabilidade pelo que acontece em sala de aula. Mas é raro que qualquer professor, por eloquente que seja, consiga gerar por meio de seus atos um entusiasmo suficiente para criar uma sala de aula empolgante. O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo. (HOOKS, 2021, p. 18)

Qualquer falta de conformidade da nossa parte era vista com suspeita, como um gesto vazio de desafio cujo objetivo era mascarar a inferioridade ou um trabalho abaixo do padrão. Naquela época, os alunos oriundos de grupos marginais que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos. Estávamos lá para provar isso mostrando o quanto éramos capazes de nos tornar clones de nossos colegas. À medida que nos deparávamos com os constantes preconceitos, uma corrente oculta de tensão afetava nossa experiência de aprendizado.

Para reagir a essa tensão e ao tédio e apatia onipresentes que tomavam conta das aulas, eu imaginava modos pelos quais o ensino e a experiência de aprendizado poderiam ser diferentes. Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia

crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador. Com os ensinamentos dele e minha crescente compreensão de como a educação que eu recebera nas escolas exclusivamente negras do Sul havia me fortalecido, comecei a desenvolver um modelo para minha prática pedagógica. (...) Significativamente, eu sentia que esse mentor e guia, que eu nunca vira pessoalmente, estimularia e apoiaria minha contestação às suas ideias se fosse realmente comprometido com a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2021, p. 14 e 15)

bell hooks descreve as suas práticas pedagógicas como uma mistura das interações entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista. Ela acreditava que um dos motivos de não termos uma revolução de valores é a promoção dos vícios da mentira e da negação na cultura de dominação (hooks, 2021, p.44), também aponta a forte influência que outros educadores tiveram na formação das suas práticas didáticas, um deles Paulo Freire, principalmente com a sua obra *Pedagogia do Oprimido*. Assim como Freire, hooks acreditava que o ensinar é uma ação de resistência.

Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos. (HOOKS, 2021, p.20)

6- A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE NA PEDAGOGIA ENGAJADA DE BELL HOOKS:

bell hooks admite ter sido fortemente influenciada pelas obras de Paulo Freire e que foi tocada profundamente pelo seu trabalho, inclusive, em seu livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, ela escreveu um capítulo que leva o nome de Paulo como título e é completamente dedicado ao educador brasileiro. Nele, ela simula um diálogo lúdico entre ela, Gloria Watkins, e sua voz de escritora, bell hooks, e as duas conversam sobre Freire.

Os dois escritores defendem a educação como prática da liberdade, o acolhimento das minorias e das experiências de vida dos seus alunos, que promova o pensamento crítico e a transgressão. Freire era contrário à educação bancária, hooks, com sua pedagogia engajada, também era contra simplesmente partilhar informações com os alunos sem o desenvolvimento do pensamento crítico.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles

professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (...) fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente. (HOOKS, 2021, p.25)

Gloria, assim como Paulo Freire, acreditava que a educação como prática da liberdade deveria criar a humanização dentro de sala de aula. A escritora norte americana deu créditos a Paulo Freire por ser seu apoio e influência em como desafiar a educação bancária quando entrou na faculdade. Freire acreditava na educação como um ato político, que não existe neutralidade, a forma de se educar e o conteúdo escolhido sempre seguirá uma agenda e a própria falta de ação também é uma escolha política, o ato de ensinar é, em sua essência, ligado à luta por justiça social. Ele acredita na transformação da realidade da sociedade, através de uma educação crítica e problematizadora. Para que estas mudanças em sala de aula aconteçam, ambos os educadores acreditavam que os professores também devem estar em constante aprendizado.

Quando entrei na faculdade, o pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da “educação bancária”, a abordagem baseada na noção de que tudo que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la. Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos. A educação como prática da liberdade era continuamente solapada por professores ativamente hostis à noção de participação dos alunos. A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar. (HOOKS, 2021, p.26)

Começam a fazer-se críticos e, por isso, renunciam tanto ao otimismo ingênuo e aos idealismos utópicos quanto ao pessimismo e à desesperança, e se tornam criticamente otimistas. A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. À medida que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e que, criticamente, se descobrem inacabados. Realmente, não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente. [...] É bem verdade que este otimismo, por isso mesmo crítico, não levará a sociedade a posições quietistas. Pelo contrário, este otimismo nasce e se desenvolve ao lado de um forte senso de

responsabilidade de representantes das elites que vão se fazendo cada vez mais autênticos, à medida que esta responsabilidade cresce. Seria uma contradição se o otimismo crítico dessas sociedades significasse um deixar correrem as coisas, irresponsavelmente. (FREIRE, 2021, p.74 e 75)

No caso dos dois educadores, ambos acreditam na necessidade de transformação em sala de aula, de que aconteça uma mudança de postura e que os educandos comecem a questionar criticamente os acontecimentos da sociedade. Seja para reivindicarem os seus direitos e não se resignarem na posição de oprimido, como os trabalhadores ensinados pelo grupo de Paulo Freire em Angicos, ou para que também não corram o risco de virarem opressores ao seguirem cegamente a agenda da elite.

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é *sujeito*. Rebaixa-se a puro *objeto*. (FREIRE, 2021, p. 60 e 61)

Em entrevista para o Portal Cenpec, a educadora e socióloga, Ednéia Gonçalves, que escreveu o prefácio do livro de bell hooks, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, fala sobre a relação entre as obras de Freire e hooks, como é necessário não só ter esperança, mas agir e reagir contra um sistema opressor:

Essa interseccionalidade de opressões faz com que ela encontre no Paulo Freire uma forma de assentar esse direito ao conhecimento, que é de todas as pessoas. E é por isso que eu gosto muito do subtítulo do livro: pedagogia da esperança. Para Paulo Freire, “esperançar” é um verbo, é ação. Ele não tem o sentido do sentimento que paira nos nossos corações; tem um efeito de ação, de política.

Tanto para bell hooks quanto para Paulo Freire, o “esperançar” tem efeito coletivo – ou seja, é a possibilidade e condição de se estabelecer uma comunidade que reaja à violência e à humilhação de um sistema de opressão baseado nas demandas de um grupo que sempre foi favorecido pelo colonialismo e pelo escravismo.

Essa educação decolonial tem o objetivo de romper com esse ciclo violento, com mais essa camada de opressão que impede que as pessoas sejam reconhecidas pelo seu talento, pelo seu conhecimento, pela sua possibilidade de transformar simbolicamente e na realidade (seja pela economia, pelas tecnologias, pelas inovações) o território que elas ocupam. (GONÇALVES, PORTAL CENPEC, 2021)

Ambos educadores também conversam sobre a importância de levarem em consideração o conhecimento preexistente ao ingresso dos alunos na escola. Os educandos já chegam na sala de aula com saberes que aprendem na vida e, não

necessariamente, são conteúdos ensinados em sala de aula. Em uma educação autônoma e crítica, os estudantes não são apenas recipientes vazios que os professores devem preencher com o conhecimento ideológico dominado de uma sociedade capitalista e opressora. Paulo Freire também usava esses saberes como guia para suas aulas, como foi exemplificado anteriormente, levava em consideração o vocabulário do dia a dia dos alunos para criar as palavras geradoras que seriam usadas na alfabetização de adultos.

(...) Os dois estão o tempo inteiro falando que o conhecimento já existe e todas as pessoas são portadoras dele. A educação escolar não inaugura o conhecimento.

Tanto para Paulo Freire quanto para bell hooks, pensar a sala de aula como e estabelecer nela uma comunidade educativa é sinal de que você entende educação de uma forma horizontal. Nessa visão, todas (os) as (os) estudantes são percebidas (os) como sujeitos de conhecimento e, como tal, também sujeitos de transformação da sua realidade, e da sua realidade no coletivo.

O trabalho de uma educação significativa, que realmente é crítica e que considera as diferentes presenças na escola, é baseado na circularidade do conhecimento e ocorre em uma sala de aula que está o tempo todo buscando fazer emergir o conhecimento do outro. Eu, como professora, preciso saber o que o outro sabe, pra poder articular isso com o meu conhecimento – tanto escolar quanto pessoal, porque como professora também sou um ser vivente e sensível, que também tem história.

Em suas obras, bell hooks também fala o tempo todo do amor e do afeto na sala de aula. As(Os) professoras(es) precisam ter essa humanidade para reconhecer as possibilidades de ampliação do seu próprio conhecimento e do outro – e esse é um outro ponto de conexão entre bell hooks e Paulo Freire. (GONÇALVES, PORTAL CENPEC, 2021)

Nestes vinte anos de experiência de ensino, percebi que os professores (qualquer que seja sua tendência política) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento. (HOOKS, 2021, p.27)

Em uma educação democrática, todos devem continuar em constante aprendizagem, inclusive os próprios professores, que devem sempre buscar uma autoatualização das suas práticas e do seu conhecimento. O educador também aprende ao ensinar os seus alunos e deve se adaptar ao contexto da sala de aula e do cotidiano dos seus educandos. Em um ensino horizontal, colocar o aluno na posição de que também poderia ensinar para o educador dava importância para esses alunos em sala de aula, o que poderia ser um afago nas suas autoestimas e um entendimento de que eles também têm conhecimento e podem intervir no mundo de forma positiva e em busca de emancipação para a sua transformação e liberdade. Tanto bell hooks quanto Paulo Freire eram críticos da “educação bancária” e

almejavam esta libertação revolucionária do pensamento capitalista e colonizador e que os alunos assumam uma nova postura diante da sociedade opressora. Para que isto acontecesse, também era necessária a mudança na própria formação de professores e romper com a educação tradicional naturalizada e adotar uma pedagogia que é refeita na práxis, como Freire explica na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, os educadores progressistas não podem reforçar um currículo que fortaleça o sistema de dominação de classes.

A educação progressiva e holística, a “pedagogia engajada”, é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional. Ao contrário destas duas, ela dá ênfase ao bem-estar. Isso significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova o seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos. Thich Nhat Hanh ressalta que “a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente”. Nos Estados Unidos, é raro ouvir alguém comparar os professores universitários a curadores. E é ainda mais raro ouvir alguém afirmar que os professores têm a responsabilidade de ser indivíduos autoatualizados.

Antes de entrar na faculdade, eu conhecia o trabalho dos intelectuais e acadêmicos do século XIX, e por isso tinha certeza de que a tarefa dos que escolhem essa vocação é a de buscar holisticamente a autoatualização. Foi a experiência concreta da faculdade que perturbou essa imagem. Foi ali que eu passei a me sentir terrivelmente ingênua a respeito da “profissão”. Aprendi que, longe de ser autoatualizada, a universidade era vista antes como um porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimento livresco, mas inaptas para a interação social. Por sorte, durante o curso de graduação comecei a distinguir entre a prática de ser um intelectual/professor e o papel de membro da academia. (HOOKS, 2021, p.28)

Foi durante o período de graduação que hooks descobriu Paulo Freire, o que foi fundamental para que ela continuasse na área da educação. Freire foi um contraponto aos professores que ela encontrou na Universidade que, segundo ela, eram, em maioria, fascinados pelo poder e da autoridade que poderiam exercer em sala de aula, além de não lhe despertar o interesse de replicar o mesmo estilo de ensino. A busca pela autoatualização à levou até Paulo Freire:

(...) encontrar Paulo Freire foi fundamental para minha sobrevivência como estudante. A obra dele me mostrou um caminho para compreender as limitações do tipo de educação que eu estava recebendo e, ao mesmo tempo, para descobrir estratégias alternativas de aprender e ensinar. (HOOKS, 2021, p.30)

Quando conheci a obra de Paulo Freire, fiquei ansiosa para saber se seu estilo de ensino incorporava as práticas pedagógicas que ele descrevia com tanta eloquência em sua obra. No curto período em que estudei com ele, fui profundamente tocada por sua presença, pelo modo com que sua maneira de ensinar exemplificava sua teoria pedagógica. (...) Minha experiência com ele me devolveu a fé na educação libertadora. Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de

dominação existentes. Precisava ter certeza de que os professores não têm de ser tiranos na sala de aula. (HOOKS, 2021, p.31)

hooks afirma que, como uma mulher negra de uma área rural e segregada, também se sentiu incluída no livro *Pedagogia do Oprimido* pela crítica gerada sobre o sistema de educação bancária, que ela diz ter tido dificuldade como estudante por não ter nada a ver com a sua realidade social. Para ela, a obra de Paulo Freire foi muito impactante por ter feito a sua educação básica em escolas segregadas, onde as próprias experiências dos alunos eram consideradas centrais em sala de aula.

(...) falei sobre a experiência de aprender quando as nossas próprias experiências são consideradas centrais e significativas, e sobre como isso mudou com a dessegregação, quando as crianças negras foram obrigadas a frequentar escolas onde eram vistas como objetos e não sujeitos. Muitos professores presentes no primeiro encontro se sentiram perturbados pelo fato de discutirmos temas políticos abertamente. (HOOKS, 2021, p.53)

Levantando a mesma questão que Freire de que nenhuma educação é politicamente neutra. Ela usa como exemplo que é uma decisão política quando um professor branco de literatura fala apenas de autores homens e brancos em sala de aula. Não haver neutralidade na educação é um tópico essencial nas obras de Freire, principalmente em *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como Prática da Liberdade*. Ele não usa a conscientização das classes como um fim, mas com uma junção com a práxis, para assim conseguir transformar a sociedade.

Insistimos, em todo o corpo de nosso estudo, na integração, e não na acomodação, como atividade da órbita puramente humana. A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. À medida que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se entrega. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem sujeito. A adaptação é assim um conceito passivo – a integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados. (FREIRE, 2021, p.58)

Ambos autores reforçam críticas ao sistema bancário, onde os alunos são tratados como receptores passivos e não tem suas vozes ouvidas e representadas. Segundo bell hooks, as instituições em que trabalhou usavam majoritariamente um modelo pedagógico autoritário e hierárquico, o que fazia os professores desvalorizarem a inserção das experiências pessoais dentro da sala de aula.

Como professora, reconheço que os alunos de grupos marginalizados têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido nem ouvidas nem acolhidas (...). Minha pedagogia foi moldada como uma resposta a essa realidade. Se não quero que esses alunos usem a “autoridade da experiência”

como meio de afirmar sua voz, posso contornar essa possibilidade levando à sala de aula estratégias pedagógicas que afirmem a presença deles, seu direito de fala de múltiplas maneiras sobre diversos tópicos. Essa estratégia pedagógica se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e de que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado. Se a experiência for apresentada em sala de aula, desde o início, como um modo de conhecer que coexiste de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer, será menor a possibilidade de ela ser usada para silenciar. (HOOKS, 2021, p.113 e 114)

Em uma pedagogia tradicional, ainda temos enraizada a ideia do professor em uma posição privilegiada e de transmissão de conhecimento. Para hooks, um dos motivos que não permitiam os professores mais autoritários de usarem uma pedagogia transformadora, era o receio de perderem o controle da sala de aula.

A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que incluía uma consciência da raça, do sexo e da classe social tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não sejam mais represadas. Em certa medida, todos nós sabemos que, quando tratamos em sala de aula de temas acerca dos quais os alunos têm sentimentos apaixonados, sempre existe a possibilidade de confrontação, expressão vigorosa das ideias e até de conflito. (HOOKS, 2021, p.55 e 56)

Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora. (HOOKS, 2021, p.56)

Em uma pedagogia libertadora, os professores precisam estar dispostos a fazer uma autocrítica se o seu modelo de ensino não está reproduzindo ações educativas ultrapassadas que estão enraizadas nas nossas escolas. Em uma pedagogia engajada, é necessário que seja questionado se a postura do educador pode estar perpetuando atitudes excludentes. Por exemplo, bell hooks pontua em seu livro como até mesmo trabalhos e escritas acadêmicas não são acessíveis para uma parcela do público e servem para manter uma hierarquia social. Ela menciona como, por um ato político de não utilizar uma escrita considerada erudita e formatos acadêmicos convencionais para conseguir atingir uma parcela maior da população, pode correr o risco de não receber o reconhecimento que merece como uma consequência.

É evidente que um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teóricas são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras. (HOOKS, 2021, p.89)

(...) minhas decisões sobre o estilo de redação, o fato de eu não usar os formatos acadêmicos convencionais, são decisões políticas motivadas pelo desejo de incluir, de alcançar tantos leitores quanto possível no maior número possível de situações. Essa decisão teve consequências positivas e negativas. Os estudantes de várias instituições acadêmicas reclamam que não podem incluir minhas obras como leituras obrigatórias para os exames de conclusão de curso porque seus professores não as consideram

suficientemente eruditas. Todos nós que criamos teorias e escritos feministas num ambiente acadêmico onde somos continuamente avaliadas sabemos que os textos considerados “não eruditos” e “não teóricos” podem nos impedir de receber o reconhecimento e a consideração que merecemos. (HOOKS, 2021, p.99)

O mais importante em uma sala de aula é que os alunos se sintam acolhidos e estimulados a terem sua própria autonomia. A educação como prática da liberdade é um movimento com o intuito de transformação e desconstrução do modelo pedagógico autoritário. Freire e hooks usaram as suas próprias experiências para a construção de um modelo que abraçasse, principalmente, o multiculturalismo e as classes sociais mais baixas, engajando ideias libertárias. Fazer a sala de aula um espaço democrático é o objetivo principal de bell hooks e Paulo Freire.

Trabalhando com uma pedagogia crítica baseada em minha compreensão dos ensinamentos de Freire, entro na sala partindo do princípio de que temos de construir uma “comunidade” para criar um clima de abertura e rigor intelectual. (HOOKS, 2021, p.57)

CONCLUSÃO:

bell hooks teve Paulo Freire como uma de suas influências, pois eram defensores de uma pedagogia transformadora, libertadora e democrática. Ambos almejavam pelo acolhimento das diversas realidades sociais dentro das salas de aulas, os dois autores defendem que a educação precisa ter significado para o dia a dia e as experiências de vida dos estudantes.

Mesmo depois de quase seis décadas do mais famoso livro de Paulo Freire, *A Pedagogia do oprimido*, e três décadas desde o livro de bell hooks, *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, a implementação de uma pedagogia libertadora evolui vagarosamente. A naturalização de métodos tradicionais e a estrutura do modelo capitalista mantém a educação presa em um sistema hierárquico em sua maioria.

Em seu livro *Ensinando a Transgredir*, hooks faz comparações da sua época como aluna em uma escola segregada e como se sentia acolhida por ter professoras negras que entendiam as suas experiências de vida em relação aos professores da sua universidade que tinham um comportamento autoritário em sala de aula e utilizavam o método de “educação bancária”. hooks relata a busca por uma educação que faça a desconstrução do modelo antigo de ensino, em que os alunos sejam estimulados a pensarem criticamente, criarem opiniões próprias e se sintam

acolhidos. Nesta busca pelo rompimento de velhas práticas educativas, ela encontra Paulo Freire.

Além de defender uma pedagogia que estimulava o pensamento crítico, Freire também sustentava a ideia de que era necessário tomar ações transformativas que desafiassem as desigualdades sociais, dando autonomia para as pessoas que eram vistas como oprimidas. hooks afirma em seu livro como a mudança de atitude e de visão de mundo pode ser significativa e libertadora para quem está em uma posição de oprimido/colonizado. Mas a mudança de pensamento não pode ser o fim da conscientização, ela deve vir somada de uma práxis.

Tanto Paulo Freire quanto bell hooks abraçavam uma ideia de um modelo de pedagogia que expandisse a consciência crítica e estimulasse a ação. Ambos defendiam também a ideia de que toda educação é política, até mesmo a falta de ação é uma escolha politizada, pois, quando o cidadão não recebe uma educação engajada, ele corre o risco de viver em uma situação de letargia e estar suscetível de manipulação das camadas opressoras da sociedade.

bell hooks finaliza o capítulo intitulado *Paulo Freire*, com a declaração de que as palavras não são boas o suficiente para evocar tudo que ela aprendeu com o educador pernambucano. Paulo Freire é um dos mais importantes educadores do mundo, sendo uma das primeiras referências que temos sobre a pedagogia democrática. hooks o aponta como uma das principais influências para que ela pudesse firmar o seu direito como sujeito de resistência, a dando um parâmetro de linguagem política contra o sistema opressor.

Essa experiência posicionou Freire, na minha mente e no meu coração, como um professor desafiador cuja obra alimentou minha própria luta contra o processo de colonização – a mentalidade colonizadora. (HOOKS, 2021, p.66 e 67)

Pelas suas ideias e práticas consideradas revolucionárias e em defesa dos oprimidos, mesmo depois de muitas décadas, Freire continua sendo referência e sendo fortemente reverenciado e, até mesmo, perseguido na sociedade.

Finalizo este trabalho com uma reflexão de bell hooks sobre a importância na mudança de práticas educacionais por parte dos professores para que seja possível termos uma pedagogia engajadora:

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima

de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (HOOKS, 2021, p.57)

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2021.

A.FREIRE, P. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. 72ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2022.

B.FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 81ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2022.

HOOKS, b. Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo B. Cipolla. 8ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2021.

ABE, S. K. “Paulo Freire e bell hooks: esperar, humanizar e criar uma comunidade de aprendizagem. Cenpec, 2021. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/bell-hooks-paulo-freire>. Acesso em 2 de fevereiro de 2023.

ACERVO PAULO FREIRE. “Paulo Freire: Eu larguei a advocacia”. 1 vídeo (1 minuto e 34 segundos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZX8osRn_jDo. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

BEREA COLLEGE. Kentucky, EUA. Disponível em: <https://www.berea.edu/bhc/about/>. Acesso em 5 de setembro de 2022.

GIOVANAZ, D. “Há cem anos nascia Paulo Freire: conheça a trajetória do patrono da educação brasileira”. Brasil de Fato. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/19/ha-cem-anos-nascia-paulo-freire->

conheca-a-trajetoria-do-patrono-da-educacao-brasileira. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

GLOBO. Revista Galileu. “O que foi a Ku Klux Klan e por que a apologia a ela é um problema”. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/12/o-que-foi-ku-klux-klan-e-por-que-apologia-ela-e-um-problema.html>. Acesso em 27 de agosto de 2022.

INSFRÁN, F. F. e LADEIRA, T. A. “A pedagogia engajada e a práxis da transformação do mundo – um ensaio sobre a educação libertadora”. Revista Educação Pública, v. 19, nº22, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/22/a-pedagogia-engajada-e-a-praxis-da-transformacao-do-mundo-r-um-ensaio-sobre-a-educacao-libertadora>. Acesso em 2 de fevereiro de 2023.

Instituto Capibaribe. Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://www.institutocapibaribe.com.br/instituto/nossa-historia>. Acesso em 4 de dezembro de 2022.

LEE, M. J. “In Praise of bell hooks”; The New York Times, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/28/books/bell-hooks-min-jin-lee-aint-i-a-woman.html>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

Lynching of Michael Donald. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2005. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Lynching_of_Michael_Donald. Acesso em: 27 de agosto de 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC PORTUGAL. “As Leis Jim Crow criaram escravatura com outro nome”. Disponível em: <https://www.natgeo.pt/historia/2020/02/as-leis-jim-crow-criaram-escravatura-com-outro-nome>. Acesso em 27 de agosto de 2022.

PAIVA, V. “Paulo Freire é terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo”; Hypeness, 2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/06/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

PBS NEWS HOUR. “Remembering bell hooks and her enormous legacy”, 2021. 1 vídeo (6 minutos e 46 segundos). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=05DMEyxRTNg>. Acesso em 5 de setembro de 2022.

POERNER, B. "bell hooks, a amada que amou"; Elle Brasil, 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/bell-hooks>. Acesso em 2 de agosto de 2022.

PORFÍRIO, F. "Paulo Freire"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm> . Acesso em 06 de dezembro de 2022.

PORFÍRIO, F. "Paulo Freire"; Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.

REZENDE, M. "Segregação racial"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

SORIANO, R. "O MST e o legado de Paulo Freire na África"; Página do MST, 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/05/05/o-mst-e-o-legado-de-paulo-freire-na-africa/>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

SOUZA, M. "Criticada pelo governo, metodologia Paulo Freire revolucionou povoado no sertão"; 2019. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/03/criticada-pelo-governo-metodologia-paulo-freire-revolucionou-povoado-no-sertao/>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.

SPQMH – Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. "Paulo Freire". Disponível em: <https://www.motricidades.org/spqmh/biografias/paulo-freire/>. Acesso em 4 de dezembro de 2022.

TV CULTURA – "Paulo Freire, 100 anos | Documentário", 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tG_pVkhzr1c. Acesso em 25 de março de 2023.